

**Marinheiro sem mar**

**Sophia Andresen**

Enviado por:

Publicado em : 22/08/2013 21:25:22

Longe o marinheiro tem  
Uma serena praia de mãos puras  
Mas perdido caminha nas obscuras  
Ruas da cidade sem piedade

Todas as cidades são navios  
Carregados de cães uivando à lua  
Carregados de anões e mortos frios

E ele vai baloiçando como um mastro  
Aos seus ombros apoiam-se as esquinas  
Vai sem aves nem ondas repentinas  
Somente sombras nadam no seu rastro.

Nas confusas redes de seu pensamento  
Prendem-se obscuras medusas  
Morta cai a noite com o vento

E sobe por escadas escondidas  
E vira por ruas sem nome  
Pela própria escuridão conduzido  
Com pupilas transparentes e de vidro

Vai nos contínuos corredores  
Onde os polvos da sombra o estrangulam  
E as luzes como peixes voadores  
O alucinam.

Porque ele tem um navio mas sem mastros  
Porque o mar secou  
Porque o destino apagou  
O seu nome dos astros  
Porque o seu caminho foi perdido  
O seu triunfo vendido  
E ele tem as mãos pesadas de desastres

E é em vão que ele se ergue entre os sinais  
Buscando pela luz da madrugada pura  
Chamando pelo vento que há no cais

Nenhum navio lavar o nojo do seu rosto  
As imagens são eternas e precisas  
Em vo chamar pelo vento  
Que a direita corre pelas praias lisas

Ele morrer sem mar e sem navios  
Sem rumo distante e sem mastros esguios  
Morrer entre paredes cinzentas  
Pedos de braços e restos de cabeças  
Boiaro na penumbra das madrugadas lentas

E ao Norte e ao Sul  
Ao Leste e ao Poente  
Os quatro cavalos do vento  
Sacodem as suas crinas

E o espírito do mar pergunta:

"- Que  feito daquele  
Para quem eu guardava um reino puro  
De espaço e de vazios  
De ondas brancas e fundas  
e de verde vazio?"

Ele não dormir na areia lisa  
Entre medusas, conchas e corais

Ele dormir na podridão  
E ao Norte e ao Sul  
E ao Leste e ao Poente  
Os quatro cavalos do vento  
Exactos e transparentes  
O esquecerão

Porque ele se perdeu do que era eterno  
E separou o seu corpo da unidade  
E se entregou ao tempo dividido  
Das ruas sem piedade.

(in «Mar Novo», 1958)